

## “Felizmente Há Luar!” – Quadro síntese

Acto I		
Personagens		Assunto
Manuel		Manifesta a sua impotência e o seu descontentamento perante as diferentes forças do Poder a que o País esteve e está sujeito.
Manuel, Rita, Antigo Soldado, Vicente, vários populares		Um <b>popular</b> , ironicamente, evidencia a miséria do grupo. Todos manifestam interesse em ouvir o <b>Antigo Soldado</b> falar do regimento a que pertenceu e, particularmente, de <b>Gomes Freire de Andrade</b> que o chefiava. <b>Manuel</b> deixa em suspenso a sua esperança no General. <b>Vicente</b> aproveita para mostrar que <b>Gomes Freire</b> é um general como todos os outros, e, por isso, nunca fez, nem está interessado em fazer, nada por eles. O <b>Antigo Soldado</b> e <b>Manuel</b> tentam rebater mas os seus argumentos são pouco convincentes.
Vicente, polícias	dois	À excepção de <b>Vicente</b> , todas as personagens anteriores se põem em fuga quando se apercebem da aproximação dos <b>polícias</b> . Estes conhecem bem Vicente que lhes “vende”, frequentemente, informações. Desta vez procuram-no por ordem de D. Miguel, Governador do Reino, que quer falar pessoalmente com Vicente.
Vicente, Miguel, polícias	D. dois	<b>D. Miguel</b> quer informações sobre seu primo, <b>Gomes Freire de Andrade</b> , e <b>Vicente</b> vai estudando as reacções do Governador às suas palavras e vai mudando, habilmente, de discurso na tentativa de cair no agrado do seu interlocutor.
Vicente, Miguel, polícias, Sousa	D. dois	O <b>Principal Sousa</b> , eclesiástico, outro dos Governadores do Reino, intervém no diálogo de Vicente com D. Miguel para lembrar a <b>Vicente</b> que o poder do rei é de origem divina e, portanto, incontestável. Ambos os Governadores manifestam a sua preocupação perante as notícias, cada vez mais inquietantes, de que está em curso uma conspiração para os derrubar. <b>D. Miguel</b> incumbe Vicente de vigiar, diariamente, <b>Gomes Freire</b> .
Vicente, polícias	dois	<b>Vicente</b> ironiza, visivelmente satisfeito, com a missão que lhe foi confiada.
Principal Sousa, D. Miguel		Os <b>dois Governadores</b> manifestam as suas preocupações pelas mudanças que a Revolução Francesa tem vindo a introduzir no espírito de um número crescente de

		portugueses.
Principal Sousa, D. Miguel, Beresford		O Marechal <b>Beresford</b> , terceiro Governador do Reino, vem preocupado com a conspiração de que tanto se fala em Lisboa, mostra a necessidade de actuar sem demora e com dureza, e anuncia a chegada próxima de um oficial disposto a colaborar com a Regência como delator.
Andrade Corvo, Morais Sarmento		<b>Andrade Corvo</b> , o oficial anunciado por Beresford, convence o companheiro de armas, <b>Morais Sarmento</b> , que as vantagens económicas que lhes advêm desta missão justificam os inconvenientes.
Beresford, D. Miguel, Principal Sousa, Andrade Corvo, Morais Sarmento		<b>Corvo</b> anuncia ter visto uma proclamação contra o Rei e a Regência, mas, não a tendo conseguido obter, não sabe pormenores, nomeadamente quem chefia a conjura. Os oficiais delatores são incumbidos pelos <b>regentes</b> de trazer a proclamação, com a brevidade possível.
Beresford, D. Miguel, Principal Sousa		<b>Beresford</b> manifesta o seu desprezo por Portugal e recorda com saudade o seu país. Questionado <b>pelos outros dois regentes</b> , revela o que o faz manter-se num cargo de chefia em Portugal – o dinheiro que lhe pagam para isso e que lhe permitirá viver o resto dos seus dias, tranquila e desafogadamente, em Inglaterra. Os outros regentes, embora não gostem do Marechal, sabem que, de momento, precisam muito dos seus serviços.
Os mesmos, Vicente		<b>Vicente</b> traz os nomes de alguns possíveis conjurados.
Beresford, D. Miguel, Principal Sousa		O <b>Principal Sousa</b> finge recear que se condene um inocente e <b>Beresford</b> ironiza com a pretensa preocupação do eclesiástico. Ninguém cita nomes, mas é evidente que todos têm alguém em mente como possível <b>chefe da conjura</b> .
Os mesmos, Corvo		<b>Andrade Corvo</b> anuncia que a conjura se alastra pelo país.
Beresford, D. Miguel, Principal Sousa		<b>D. Miguel</b> , com o apoio mais ou menos disfarçado dos outros regentes, pensa nas medidas a tomar para a detenção, julgamento, sentença e execução dos presumíveis conspiradores.
Os mesmos, Morais Sarmento		<b>Morais Sarmento</b> anuncia que a conspiração se destina a implantar o sistema de cortes em Portugal.

Beresford, D. Miguel, Principal Sousa	Os <b>regentes</b> mostram-se cada vez mais ansiosos por arranjar um chefe para a conjura, com ou sem provas do seu envolvimento.
Os mesmos, Vicente	<b>Vicente</b> revela que muitos dos conspiradores são oficiais mas contam com o apoio de civis.
Os mesmos, Vicente, Corvo	Os <b>delatores</b> revelam o clima geral de rebelião. O <b>Principal Sousa</b> manifesta medo e <b>Beresford</b> exige que descubram imediatamente quem são os chefes da conjura.
Beresford, D. Miguel, Principal Sousa	<b>D. Miguel</b> expressa o seu receio de que o Portugal com que sonhou – humilde, submisso, com classes sociais perfeitamente definidas – esteja prestes a desmoronar-se. Refere-se a alguém, que não nomeia, como capaz de liderar a revolta do povo.
Os mesmos, Vicente, Corvo, Morais Sarmiento	Os <b>delatores</b> indicam o nome que por todo o lado é referido como sendo o chefe da conjura – o do <b>General Gomes Freire de Andrade</b> . A revelação agrada aos <b>regentes</b> que, por motivos diferentes, nutrem um ódio comum pelo General. <b>D. Miguel</b> , indiferente ao facto de não haver provas que incriminem Gomes Freire, dá ordens para que se prepare, de imediato, um clima emocional propício à prisão e condenação dos conjurados, antes que o país se movimente para os defender – sinos a tocar, paradas nos quartéis, frades aos gritos no púlpito, tambores em fanfarra, bandeiras...

Acto II	
Personagens	Assunto
Manuel	Manifesta a sua impotência e o seu desânimo face às diferentes forças do Poder, às esperanças que se desmoronam, à miséria a que a vida o condenou. Medita sobre a prisão de <b>Gomes Freire</b> e procura inteirar-se, junto de outros populares, de mais detalhes.
Manuel, Rita, Antigo Soldado, vários Populares	Diferentes <b>Populares</b> contam que foram feitas várias detenções durante a noite, há zonas da cidade cheias de soldados e os quartéis estão todos de prevenção.
Os mesmos, dois soldados	Os <b>polícias</b> mandam os <b>Populares</b> dispersarem e estes obedecem com visível desalento. Enquanto se afastam, <b>Rita</b> vai contando a <b>Manuel</b> , entre apavorada e revoltada, como ocorreu a prisão do <b>General</b> , a que assistiu quando passava próximo da sua casa.

<p>Matilde</p>	<p><b>Matilde</b>, sozinha, questiona-se sobre a incoerência de se transmitir aos filhos valores desfasados da sociedade em que estão inseridos. Recorda o filho morto e expõe, com rancor, os princípios em que o teria educado para que pudesse viver bem e morrer tranquilo. Entretanto coloca o uniforme de Gomes Freire sobre uma cadeira e imagina momentos felizes que poderiam continuar a partilhar, se ele fosse igual a tantos outros que se acomodam. Entre a revolta e o desespero, decide que vai lutar pela vida do seu homem.</p>
<p>Matilde, Sousa Falcão</p>	<p><b>Sousa Falcão</b> lamenta o que aconteceu com o amigo, mas recorda que sempre os alertara que não deveriam regressar a Portugal. Era previsível que tudo isto viesse a acontecer. Mesmo que <b>Gomes Freire</b> não tivesse qualquer intervenção política, só o que ele representava já constituía um perigo para o Poder e o regime que vigorava no país. <b>Matilde</b>, recusando-se a perder a esperança, expõe-lhe os seus planos de luta. <b>Sousa Falcão</b> propõe-se ir a S. Julião da Barra para tentar saber o que se está a passar.</p>
<p>Matilde</p>	<p><b>Matilde</b> reconhece que, mais do que nunca, se sente só e, como em tantos outros momentos de dor, não sabe “por onde começar” a agir. Vencendo o desalento procura Beresford.</p>
<p>Matilde, Beresford</p>	<p>Perante <b>Beresford</b>, <b>Matilde</b>, sumariamente, apresenta o seu percurso de vida antes de se identificar como a mulher de <b>Gomes Freire</b>. Indo contra a sua própria consciência, mas assumindo-se como uma simples mulher que nada mais deseja que ter consigo o seu homem, Matilde pede clemência para o prisioneiro. Esta atitude diverte o Marechal que lhe diz que Gomes Freire, seja ou não inocente no crime da conjura, é culpado pelo simples facto de existir e defender uma ideologia contrária aos interesses do Poder.</p>
<p>Matilde, Beresford, um Padre, alguns Populares</p>	<p>Um <b>padre</b> lê uma ordem do Patriarcado de Lisboa em que, implicitamente, se condena os conjurados e se apela à oração de graças a Deus por ter permitido que fossem descobertos. <b>Matilde</b> revolta-se contra esta condenação da Igreja, antecipando-se ao julgamento.</p>
<p>Matilde, Populares, Rita, Manuel</p>	<p>Os <b>Populares</b>, que se foram juntando conversam agora entre si, ignorando ostensivamente as interpelações de <b>Matilde</b>. Um deles dá a notícia de que Vicente foi promovido a chefe da polícia. Perante a atitude dos Populares, Matilde faz menção de partir mas <b>Manuel</b> chama-a. Em resposta à insinuação que Matilde fizera de que eles, pelas esperanças que depositavam em <b>Gomes Freire</b>, eram co-responsáveis pela sua prisão e, portanto, não podiam alhear-se do que pudesse vir a acontecer-lhe, Manuel fá-la observar com atenção a desgraça, a miséria extrema dos Populares. Acusa-a de se ter dirigido a eles apenas porque estava desesperada. Antes, dava-lhes esmolas, agora</p>

	pede-lhes, em troca, que eles dêem a vida. Diz a <b>Rita</b> que dê uma moeda a Matilde e a mande embora, mas logo a seguir arrepende-se e pede-lhe desculpa. Reconhece que foi injusto para com a mulher do General, tal como a sociedade tem sido injusta para com ele e os outros Populares. Matilde compreendeu a mensagem e pede a moeda.
--	--

Acto III	
Personagens	Assunto
Matilde, Sousa Falcão	<b>Sousa Falcão</b> relata a forma desumana como têm tratado <b>Gomes Freire</b> em S. Julião. <b>Matilde</b> evoca o passado e, com tristeza, recorda, por contraste, as pequenas atenções com que o mimava, apesar da escassez de dinheiro. Recorda que o General chegou a vender duas medalhas para se poderem sustentar e, num gesto de carinho e gratidão, comprou-lhe uma saia verde para ela vestir quando regressassem a Portugal. Matilde diz que a vestirá quando ele sair da prisão, mas logo a seguir, como que recuperando a lucidez, agradece a Sousa Falcão tudo o que tem feito por eles, nomeadamente não lhe tirando a esperança, embora ambos saibam que Gomes Freire não sairá vivo da prisão. Com a energia possível, Matilde decide progredir a sua luta em defesa do marido e vai procurar D. Miguel, apesar de Sousa Falcão a tentar dissuadir.
Matilde, Sousa Falcão, um criado de D. Miguel	<b>Matilde</b> diz ao <b>criado</b> que ela e <b>Sousa Falcão</b> pedem uma audiência a D. Miguel. O criado traz como resposta que sua Ex. <sup>a</sup> não recebe amantes nem amigos de traidores da pátria. Sousa Falcão revolta-se, Matilde chora, mas logo se recupera para interpelar o Principal Sousa.
Matilde, Principal Sousa	<b>Matilde</b> faz acusações graves ao <b>Principal Sousa</b> que se sente pouco à vontade, sobretudo pela segurança e autoridade com que Matilde Ihas dirige.
Matilde, Principal Sousa, Frei Diogo	<b>Frei Diogo</b> vem do forte onde acaba de ouvir o General em confissão. Manifesta uma enorme admiração por <b>Gomes Freire</b> , dá a <b>Matilde</b> o recado que o marido pedira que lhe transmitisse, procura confortá-la e pede-lhe que não se revolte contra Deus por causa da injustiça dos homens. O <b>Principal Sousa</b> tenta intervir, sem êxito, e a sua fúria contra Frei Diogo é crescente.
Matilde, Principal Sousa	<b>Matilde</b> acusa o <b>Principal Sousa</b> de ser um traidor de Cristo e, com arrogância, roga-lhe a praga de nunca conseguir aliviar a sua consciência do crime em que está a participar.
Sousa Falcão, Matilde, Principal Sousa	Quando <b>Sousa Falcão</b> lhe anuncia que os presos vão a caminho dos locais de execução, <b>Matilde</b> implora, ajoelhada, pela vida de Gomes Freire.

Os mesmos, D. Miguel	<b>D. Miguel</b> congratula-se por haver luar, já que as execuções se prolongarão pela noite.
Matilde	<b>Matilde</b> , diante da cruz, pede ajuda a Deus para si e para o seu homem.
Matilde, Populares, Sousa Falcão, D. Miguel, Principal Sousa	Matilde interpela Deus acerca da justiça da condenação do marido e cai desmaiada, tal a intensidade dramática do momento que vive. O Principal Sousa aconselha-a a resignar-se e Sousa Falcão ajuda-a a recompor-se. Antes de se retirar com o amigo, Matilde atira ao cardeal a moeda que Rita lhe dera.
Populares, Manuel, Matilde, Sousa Falcão	Os Populares comentam a crueldade da forma de execução dos condenados. Matilde veste agora a saia verde e censura Sousa Falcão por vir vestido de luto. Sousa Falcão diz sentir-se de luto por si próprio, por nunca ter tido coragem de lutar pelas suas convicções. Matilde refere que vestiu a saia verde para se despedir de Gomes Freire e a partir de dado momento comporta-se como se o estivesse a ver vir ao seu encontro. Esse último encontro imaginário desenrola-se numa serra donde é possível ver-se, ao longe, o clarão da fogueira que se vai extinguindo. É o fim de Gomes Freire, mas Matilde apercebe-se que este fim é o princípio de uma época nova que necessariamente irá surgir e, por isso, dirigindo-se aos Populares pede-lhes que não esqueçam este exemplo, que o vejam bem até ao fim até porque felizmente há luar.